



I Congresso Fluminense de Engenharia, Tecnologia e Meio Ambiente – UFF

*Engenharia, Tecnologia e Meio Ambiente
Niterói – RJ – Brasil, 21 a 25 de Outubro*



O LIXO URBANO E O MORRO DO BUMBA: UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

Olivier Carmen Lúcia Pinheiro Alves ¹, Barbosa Fernando Cordeiro ², Tavares Luana Márcia Baptista ³

¹ Mestranda do Programa de Defesa e Segurança Civil da UFF, (21) 2629.5584, carmenluciaolivier@gmail.com

² Doutor em Antropologia pela UFF, (21) 8265.7575, fernandocordeiro@uol.com.br

³ Mestranda do Programa de Defesa e Segurança Civil da UFF, (21) 9996.4924, luanamarcia.tavares@gmail.com

Apresentado no
I Congresso Fluminense de Engenharia, Tecnologia e Meio Ambiente – UFF
Niterói – RJ, 21 a 25 de Outubro de 2013

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a inexistência da cultura de risco e suas possíveis consequências na sociedade brasileira. Para sua execução, optou-se pelo estudo da tragédia ocorrida na localidade de Viçoso Jardim, em Niterói, no ano de 2010, quando ocorreram deslizamentos de terra no Morro do Bumba. Lugar que passou a ser habitado após a desativação de um antigo lixão que ali se localizava, transformando-se em uma favela em cima de uma montanha de lixo de cerca de cinco metros acima da elevação original. Situação que revela o descaso e a falta de política pública de urbanização e de meio ambiente. As favelas, em sua maioria, constituem áreas de risco pela precariedade das construções e pela localização em terrenos de condições desfavoráveis, como em encostas. Embora a Secretaria Nacional de Defesa Civil recomende o mapeamento, interdição ou desocupação dessas áreas, o que comumente observamos é a falta de desenvolvimento de uma atitude preventiva por parte do poder público. Outrossim, não se constata uma percepção e sensibilização pública no sentido de desenvolver uma cultura de risco, que possibilite a minimização das ocorrências e seus possíveis danos para a população e o meio ambiente. O resultado são as tragédias, como a ocorrida no Bumba, que deixou para trás um rastro de destruição e morte.

PALAVRAS-CHAVE: Meio Ambiente, Riscos, Desastres

THE URBAN GARBAGE AND THE BUMBA HILL

ABSTRACT: This paper aims to reflect on the inexistence of culture of risk and its possible consequences in Brazilian society. For its implementation, we chose to study the tragedy which took place in the town of Lush Garden in Niterói, in the year 2010, when there were landslides in the Hill of Bumba. Place that came to be inhabited after deactivation of an old dump that was located there, turning into a slum on top of a mountain of garbage about five feet above the original elevation. Situation that reveals the neglect and lack of public policy of urbanization and environment. The slums, mostly constitute risk areas by the precariousness of the buildings and the terrain located in unfavorable conditions, such as on slopes. Although the National Civil Defense recommends mapping, estoppel or vacating these areas, which is commonly observed is the lack of development of a preventative attitude of the government. Moreover, it does not appear a perception and public awareness in order to develop a culture of risk, which allows minimizing the occurrences and their possible damage to people and the environment. The result are the tragedies that occurred in Bumba, who left behind a trail of destruction and death.

KEYWORDS: Environment, Risks, Disasters

1. INTRODUÇÃO

O local denominado Morro do Bumba está localizado numa área pouco íngreme, com aproximadamente 0,92 Km², situado no bairro do Viçoso Jardim, Município de Niterói-RJ, distante 40 minutos do centro da cidade, fazendo fronteira com os bairros do Fonseca, Cubango, Caramujo e Ititioca. A região, situada no interior do maciço costeiro, caracterizada pelo relevo bastante acidentado, é conhecida como “mar de morros”. A população da região, estimada em 2000 (IBGE), aproximava-se dos 3.000 habitantes. A população do Morro do Bumba era em torno de 300 pessoas. Cabe aqui lembrar, que os moradores da área atingida pertencem, em sua maioria, à classe trabalhadora, embora houvesse no local um padrão de infraestrutura e serviços acima do normalmente encontrado nas chamadas comunidades faveladas.

Inicialmente, o local abrigava uma antiga fazenda, após a morte do proprietário, a prefeitura desapropriou as terras por conta de uma dívida contraída devido ao não pagamento do IPTU – Imposto Territorial Predial Urbano -. O local passou, então, em 1970, a ser o depósito de lixo oficial do município. O segundo lixão da cidade, uma vez que o primeiro funcionou durante muitos anos no aterrado São Lourenço, no bairro do mesmo nome, hoje totalmente urbanizado. Por volta de 1983, no final do governo de Wellington Moreira Franco, o depósito foi desativado, alguns dizem que devido à saturação, outros afirmam que a desativação só aconteceu por pressão da comunidade. Destituído de sua função, o morro começa a ser retomado pela natureza e a vegetação toma conta do lugar, por sua vez, lentamente, os ex-catadores de lixo se organizam e constroem no local, pequenas e modestas casas. Nos anos seguintes, durante o governo do prefeito Waldenir Bragança, ficou proibida a ocupação do local, entretanto, aos poucos, outras famílias foram chegando e formou-se ali uma comunidade pequena e integrada. Nos anos de 1990, a prefeitura decidiu urbanizar a área levando luz, água, iluminação pública, bem como passou a recolher taxas por tais serviços. Incentivada pela falta de fiscalização e principalmente por receber paulatinamente investimentos públicos de infraestrutura e serviços, a ocupação seguiu desordenada e indiferenciada.

No segundo governo de Leonel Brizola, a Cedae (atual Águas de Niterói) fez sua primeira grande obra de saneamento em Niterói, justamente no Morro do Bumba, levando para o local, de helicóptero, uma grande caixa de água para atender aos moradores. Em seguida, o governador levou para o Bumba o programa Uma Luz na Escuridão. Mais tarde, construiu uma escola municipal e implantou o programa Médico de Família. Posteriormente, o local ganhou quadra poliesportiva e uma creche. Devidamente maquiado, o antigo lixão do Bumba adquiriu status de comunidade e atraiu para lá pessoas humildes em busca de um lugar digno para construir suas vidas e moradias.

No mês de abril do ano de 2010, fortes chuvas atingiram a cidade de Niterói e de forma fatídica as comunidades do Morro do Céu e Morro do Bumba. O local, apesar de pouco íngreme, possuía solo frágil, basicamente constituído por uma montanha de lixo, cerca de cinco metros acima da elevação original. O processo de decomposição do lixo tornava o solo permeado por grandes quantidades de gás metano. Possivelmente, durante as chuvas, houve pequenos deslizamentos provocando a liberação do gás, causando explosões que aceleraram o processo de escorregamento de terra e que se transformaram numa avalanche de lama e lixo.

A tragédia do Bumba, como ficou conhecida, contabilizou 47 óbitos sendo 12 crianças, no entanto, moradores afirmam que, nunca foram encontrados os corpos de duas senhoras e um motorista, o que elevaria esse número para 50.

A foto à esquerda mostra a montanha de lixo que acabou formando o Morro do Bumba. À direita observamos alguns catadores em atividade.

Figura 1: Imagem aérea do lixão do Bumba - 1975
Blog do Dep. de Comunicação Social da UFF – IACS
Luiz Edmundo de Castro – acessado em 3/7/2013



Figura 2: Catadores em atividade no lixão do Bumba – 1975
Blog do Dep. de Comunicação Social da UFF - IACS
Luiz Edmundo de Castro – acessado em 3/7/2013



2. METODOLOGIA

Tomando como base uma bibliografia de pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento como as ciências sociais, geografia e arquitetura entre outras, além da utilização de registros jornalísticos (via internet e impressos) e entrevistas realizadas com moradores do abrigo temporário montado no 3º BI, este trabalho busca uma reflexão sobre os inúmeros problemas de moradia enfrentados pela classe trabalhadora e empobrecida da cidade de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Neste contexto, foi abordada a questão do descaso das autoridades estadual e municipal, que não só permitiram como praticamente incentivaram a ocupação de uma área de alto risco, que vindo a desabar em função das fortes chuvas de 2010, ocasionou 47 mortes, deixando dezenas de famílias na não menos vulnerável condição de desabrigadas.

3. TRAGÉDIA ANUNCIADA

Alguns moradores relatam que não tinham medo, mas que dava para imaginar que algum dia algo ruim pudesse acontecer. Não era incomum acontecerem fatos estranhos, como o mato pegando fogo sozinho em dias de muito calor; a presença de gás (metano) na forma de fumaça, quando se cavava um pouco a terra, e a incômoda presença de chorume escorrendo por baixo das casas em ocasiões chuvosas. A cor preta do solo que deslizou causando o desastre é resultado da decomposição do lixo.

Sobre a questão dos lixões, o presidente do Instituto Brasil Ambiente e consultor da Organização das Nações Unidas (ONU), Sabetai Calderoni (<http://meumundosustentavel.com/noticias/lixao-aterro-controlado-e-aterro-sanitario/>), nos diz que existem três maneiras de dispor do lixo e dos resíduos sólidos. A primeira delas é o lixão na forma mais primitiva, à céu aberto, onde os resíduos são despejados de qualquer maneira, sem respeito às normas e sem nenhum tipo de impermeabilização do solo, no máximo com terra colocada por cima do lixo. Como não há cuidado, o lixo vai desmoronando ao logo dos anos enquanto se acomoda. Outro tipo de lixão é o chamado aterro controlado, que nada mais é do que um lixão remediado, também sem normas ou impermeabilização, onde se alternam camadas de lixo e terra. Por fim, temos o aterro sanitário, onde o depósito de lixo obedece a normas e procedimentos que visam minimizar o impacto sobre o meio ambiente. Neste último, há a impermeabilização do solo com uma camada de dois metros

de manta sintética, pedra e areia, alternância de lixo compactado com argila e cobertura de grama. Além disso, faz-se o tratamento de dejetos e drenagem de gás metano e chorume.

Ainda, segundo Sebetai Calderoni:

No Primeiro Mundo, a opção é pelo aterro sanitário. Mas por falta de espaço, alguns países da Europa como Espanha, Alemanha, França e Grécia focam pesado nos incentivos à reciclagem como um modo de aliviar os aterros e diminuir a quantidade de lixo.

A professora Regina Bienenstain (2010) da Faculdade de Arquitetura da UFF afirma que as pessoas não precisam ser retiradas das favelas para viverem em segurança. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/04/100409_fabriciasegunda.shtml

Retira-se apenas as famílias que estão nos locais de risco e remaneja-se para dentro da própria favela e se promove a urbanização. Mas tem que ficar claro que a urbanização não é só pavimentar ruas, é preciso colocar drenagem, que é o principal instrumento para evitar riscos, realizar saneamento ambiental, colocar água e rede de esgoto.

Sobre a tragédia do Bumba a professora Regina diz que se trata da manifestação do vazio das políticas com relação à habitação. É sua opinião que todos os municípios deveriam considerar todas as parcelas da população como um direito à cidade. Mas o que acontece é que o pobre acaba não tendo espaço nesta cidade porque a terra tem dono e o que sobra são as áreas que não deveriam estar ocupadas.

Estudos realizados por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense denunciam que desde o ano de 2004 a prefeitura havia sido alertada sobre o risco apresentado pela ocupação irregular do Morro do Bumba. A professora Regina é autora de um desses estudos, encomendado pela gestão 2004 da prefeitura de Niterói e afirma que esteve no local em março de 2004, quando já haviam ocorrido desabamentos, e a prefeitura, ciente da ocupação irregular no antigo lixão, queria ter um diagnóstico mais claro do problema e definir que projetos seriam necessários àquela área. Declara a professora que (http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/04/100409_fabriciasegunda.shtml):

A situação de risco estava clara. Parte dos 400 moradores estava em cima do antigo lixão. As autoridades sabiam. O projeto 2004 recomendava uma série de medidas, entre elas o remanejamento das famílias que ocupavam o lixão para outra área adjacente que não corria risco de deslizamento. Era possível acomodá-las dentro do próprio assentamento (...). Não houve resposta ao meu projeto. Houve a eleição, o comando dos órgãos mudou e isso ficou esquecido.

Ainda no ano de 2004 a Prefeitura de Niterói sob a gestão do então prefeito Godofredo Pinto, contratou o Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense para fazer um levantamento sobre o risco de encostas na cidade. Na ocasião, o estudo condenou a área, mesmo tendo sido omitido pela prefeitura a informação de que ali já funcionara um lixão.

Embora dois trabalhos tenham sido realizados por pesquisadores da Universidade, o reitor Roberto Salles declarou em entrevista concedida ao jornal O Globo em 14/04/2010, que nenhum dos estudos da UFF tratava “especificamente” do Morro do Bumba.

4. RESULTADO DA PESQUISA

Este trabalho visa atestar as dificuldades e deficiências encontradas no modo de viver da classe trabalhadora, através de uma configuração urbana marcada pela ausência de planejamento e legislação específica. As favelas com seus pequenos casebres impelidos contra as encostas dos morros, onde famílias inteiras sobrevivem em precárias condições de higiene e salubridade, são exemplo de falta de segurança, foco de abandono social e descaso público, o que demonstra a forte tendência de uma política urbana que se preocupa mais com o embelezamento da cidade do que com a vida de seus cidadãos, relegando à segundo plano o modo de viver das pessoas e os riscos a que a população menos favorecida se expõe ao compartilhar um espaço insalubre e vulnerável, num claro processo de precarização da vida.

5. DESASTRE, RISCO E VULNERABILIDADE SOCIAL

As áreas de risco não são dadas apenas por circunstâncias naturais prévias – como suscetibilidade geomorfológica de terrenos com acentuada declividade, ou fundos de vale – mas também são construídas por ações sociais (impermeabilização de terrenos, abertura de comportas, etc.), por decisões econômicas e políticas (incentivo, endosso, omissão do poder público, etc.) (VALENCIO ET al., 2003 apud Marchezini, 2010, p. 50).

Em sua dissertação, Pereira (2012) diz que a função social da propriedade está prevista na Constituição Federal e é tida como um direito fundamental do ser humano, no mesmo patamar do direito à vida, à liberdade, à igualdade e à segurança. No entanto, cabe ao poder público fiscalizar, orientar e fazer cumprir a Lei. Diz o parágrafo 1º do art. 1228 do Código Civil:

A função social está prevista, ao mencionar que o direito de propriedade deve ser exercido observando a preservação da flora, da fauna, das belezas naturais, equilíbrio ecológico e patrimônio histórico e artístico, bem como deve ser evitada a poluição do ar e das águas. A lei determina, portanto, que a propriedade não pode ir de encontro com questões sociais e ambientais. Através dessas regras, a propriedade teria que cumprir sua função perante a sociedade, porque não desmatando, não poluindo, não destruindo o patrimônio, a sociedade inteira é beneficiada.

Uma questão polêmica a ser ressaltada no desabamento do Bumba é a vulnerabilidade e risco a que foram submetidos os moradores da comunidade. É possível, que esta condição não tenha sido percebida pelos moradores. Todavia, culpabilizar e criminalizar o indivíduo pelo efeito deletério que o mesmo sofre de sua precária situação social, é o mesmo que afirmar que “a pobreza é culpa dos pobres”, deixando de se considerar que se trata de uma problemática global, que envolve a sociedade macroenvolvente e a estrutura de classes. Assim, o verdadeiro desastre é naturalizarmos a responsabilidade do indivíduo para justificar a ausência estrutural das condições de moradias saudáveis e seguras (SIENA; VALENCIO, 2006 apud MARCHEZINI, 2010). Sendo assim, é inadmissível a falta de percepção e porque não dizer, a omissão por parte do poder público.

Cabe lembrar que a questão do risco é bastante ampla. É comum depararmos quase que cotidianamente, com aquelas relacionadas às transformações ambientais, em consequência da modernidade, especificamente de modernidade tardia, segundo as concepções de Beck (2010) e Giddens (1991). Entretanto, não podemos ignorar as decorrentes da organização e estrutura social de uma sociedade específica. Aqueles em que a magnitude

do desastre está diretamente ligada a um fator específico em conjunção ao tecido social relacionado. Tais como os relacionados ao planejamento urbano e à política habitacional brasileira (Valencio 2004).

O que observamos na ocupação do Morro do Bumba, traduz claramente as duas vertentes teóricas. Vimos ali, o risco ocasionado pelas transformações ambientais e os ocasionados pela conjunção de um fator específico (no caso a construção sobre o lixo) com uma trama social, econômica, cultural e política, percebidas em todo o processo.

Impossível não perceber, além da ampla e total inobservância da Lei, o completo despreparo das autoridades em permitir e, de certa forma, incentivar essa ocupação, ao implantar ali aparelhos de infraestrutura que facilitam a vida cotidiana da população. A área, sobre um lixão, jamais poderia ser ocupada para moradia, pois de pronto, isso implicaria em risco para a saúde. A visível falta de condições de salubridade, a torna de potencial risco e consequente perigo. Segundo amplamente difundido pelas ciências sociais, a percepção de risco para uns não é necessariamente igual para outros e essa percepção varia de acordo com o espaço, tempo, cultura e condição social. Portanto, é admissível que, para os futuros moradores, ávidos por ali depositar seus sonhos de propriedade, não houvesse naquele lugar nenhuma evidência de risco. É admissível, ainda, que mesmo percebendo o risco, desconhecem a real gravidade deste. Não é difícil entender, que ao construir sobre aquela montanha de lixo, oculta pela suposta segurança, garantida pelo poder público através do investimento na infraestrutura básica, os moradores buscassem, acima de tudo, a satisfação das necessidades essenciais do ser humano, a de garantir para si e sua família, a segurança, autoestima e realização pessoal. Necessidades estas, devidamente estudadas e organizadas por Maslow, no diagrama, também conhecido como Escala hierárquica de Maslow:

Figura 3. Escala Hierárquica de Maslow



Nessa concepção, a natureza dos desastres não estaria diretamente relacionada aos fenômenos naturais, mas sim à vulnerabilidade existente em uma organização social, que se revela de forma emblemática frente a esses eventos (VALENCIO, 2004, MARCHEZINI, 2010).

Todavia, espera-se que, de competentes autoridades, imbuídas do dever de fazer cumprir a lei e promover o bem estar físico e social da população, sejam tomadas providências de intervenção, no sentido de prever e prevenir a ocorrência de lastimáveis incidentes. No entanto, o que comumente se observa, nessa ocupação específica e na maioria das outras pelo Brasil afora é que, além de ignorar, o poder público contribui, em alguns casos, com obras de infraestrutura, empurrando o lixo pra debaixo do tapete, disfarçando o problema com superficiais obras de urbanização e instalação de pequenas benfeitorias nessas ocupações. Ou seja, ao invés de planejar e executar uma política habitacional digna e responsável, os agentes do poder público atuam de forma discriminatória e excludente: aos pobres, a moradia nos lixões; aos favorecidos economicamente, moradias em áreas nobres.

A Matéria intitulada Morro do Bumba: Triste símbolo do problema do lixo, publicada na Revista Em Discussão, em sua edição de junho de 2010, discute a tragédia de Niterói, apontando como grande causa, a questão do mau gerenciamento do lixo. (<http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/JORNAL/EMDISCUSSAO/revista-em-discussao-edicao-junho-2010/noticias/morro-do-bumba-triste-simbolo-do-problema-do-lixo.aspx>):

A tragédia, no início de abril, do desmoronamento do Morro do Bumba, em Niterói (RJ), onde pelo menos 46 pessoas morreram, é exemplo das terríveis consequências do mau gerenciamento do lixo no Brasil. A ocupação irregular em Niterói se deu em cima de um antigo lixão local totalmente inapropriado para receber habitações.

Grande parte do que aconteceu no Rio de Janeiro se deve a nós não termos aprovado ainda a lei que cuida da destinação final para os resíduos sólidos – avalia o senador Arthur Virgílio (PSDB-AM). Também para o senador Gilberto Goellner (DEM-MT), a "barbaridade que aconteceu no Rio de Janeiro" tem a ver com a falta de um plano integrado dos resíduos sólidos.

– O Brasil precisa acordar para uma solução imediata. O problema não é só coletar o lixo, é transformá-lo para que não polua, para que seja reutilizado. Nós precisamos urgentemente dotar as cidades, principalmente os grandes conglomerados urbanos, de condições para esse aproveitamento – afirma.

Para o senador Sérgio Zambiasi (PTB-RS), as calamidades provocadas pelas chuvas no Rio de Janeiro mostram que "a natureza está reagindo de uma forma assustadora, avassaladora". Ele propõe que os senadores façam um acordo para aprovar a Política Nacional de Resíduos Sólidos da forma como veio da Câmara dos Deputados, remetendo a proposta à sanção rapidamente.

O gerenciamento incorreto do lixo aponta o senador César Borges (PR-BA), está relacionado aos alagamentos ocorridos no Rio de Janeiro em abril de 2010 e que, frequentemente, atingem outras grandes cidades:

É necessária a instituição da Política Nacional de Resíduos Sólidos para evitar que o lixo não coletado vá para os córregos, entupa as bocas de lobo, impedindo o escoamento rápido das águas. Não temos tratado com seriedade a questão dos resíduos sólidos no nosso país.

Sobre o deslizamento do Morro do Bumba, assim diz a Revista GEO-DEMO, do Grupo de Estudos de Espaço e População, vol., 3, nº 1. Ano III, da Universidade Federal Fluminense (www.geodemo.uff.br):

Diversos fatores intensificaram o processo de movimento da massa no fatídico seis de abril. No local funcionou um lixão até o ano de 1983, sendo uma área resultante do crescimento urbano desordenado e com baixa (arbustiva) ou nenhuma cobertura vegetal. Por se tratar de um lixão, não houve preocupação com as medidas de segurança que caracterizam um aterro sanitário; o acúmulo de resíduos foi responsável pela alteração da topografia da encosta, aumentando seu gradiente topográfico (inclinação); após o fechamento e aterramento do lixão, iniciou-se a ocupação da encosta por famílias com baixo poder aquisitivo, havendo omissão do estado em permitir a ocupação dessa encosta, que em hipótese alguma poderia ser

ocupada, além de permitir, o governo praticamente incentivou a ocupação ao realizar no local, obras de pavimentação, iluminação e distribuição de água.

Conforme amplamente divulgado pela imprensa, moradores afirmavam ter ouvido explosões. Autoridades no assunto acreditam nessa possibilidade, por ser uma área de solo instável agravada pela presença de gás metano decorrente da decomposição do lixo. Acredita-se que cerca de 600 metros dessa terra, foram deslocados. Além de residências, o local abrigava também, uma igreja, uma pizzaria e uma creche.

Imagens divulgadas por emissoras de TV, na época do desastre, mostravam a imagem do caos. Os bombeiros trabalhando incessantemente, diante de uma situação devastadora. Pessoas desorientadas, gritando e tentando encontrar vítimas. Outras, atônitas parecem não acreditar no que seus olhos testemunham. Cenas da tragédia mostram pais desesperados à procura de seus filhos. Enquanto filhos que sobreviveram, auxiliam os bombeiros na busca de pais e amigos.

Segundo o site, *Ambiência – Soluções Sustentáveis*, um estudo encomendado pelo DRM – Departamento de Recursos Minerais do Rio, a geógrafos da PUC RJ, diz o seguinte (<http://www.ambiencia.org/site/publicacoes/publicacoes/dia-mundial-do-meio-ambiente/entenda-o-que-aconteceu-no-morro-do-bumba/>):

Chegou-se a conclusão que o excesso de lixo e a presença de gás agravaram a tragédia, mais não foi a principal causa. Segundo os geógrafos, duas fissuras na rocha, no alto do Morro do Bumba, mostraram que o deslizamento começou no alto e “empurrou” a massa de lixo que estava embaixo.

O deslizamento teve como causa a junção de vários fatores como excesso de lixo, presença de gás, características topográficas, ocupação desordenada e o motivo que agravou esta situação, chuvas intensas.

Portanto, o desmoronamento da Favela do Morro do Bumba em Niterói, construída sobre um antigo lixão – matando dezenas de pessoas e famílias inteiras – fica como um alerta para as grandes metrópoles brasileiras que em muitos casos padecem da mesma situação.

6. CONCLUSÕES

A grande extensão territorial brasileira, bem como a diversidade e peculiaridade de cada região não podem ser usadas como desculpas para a falta de implementação de políticas de humanização e prevenção de desastres. A tragédia ocorrida no Morro do Bumba poderia ter sido evitada se houvesse a cultura do risco e da prevenção. Não se pode simplesmente culpar as chuvas, menos ainda a população usuária. A região apesar de visivelmente vulnerável, ao invés de desocupada, ao contrário, teve sua ocupação incentivada à medida que o poder público investia em obras de infraestrutura e serviços. A tragédia que tirou a vida de 47 pessoas, ainda é vivenciada por mais de 300 pessoas que continuam recolhidas ao abrigo montado no 3º BI – Batalhão de Infantaria no bairro de Venda da Cruz em São Gonçalo, recebendo o auxílio de Aluguel Social, enquanto aguardam o recebimento de unidades habitacionais definitivas.

7. REFERÊNCIAS

BECK, ULRICK. Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. Ed. 34, S.P, 2010.

GIDDENS, ANTHONY. As Consequências da Modernidade. Fundação Editora UNESP, SP, 1991.

MARCHEZINI, VITOR. Desafios de gestão de abrigos temporários: uma análise sociológica de insegurança e riscos no cotidiano de famílias abrigadas. Dissertação de Mestrado. UFSCar, 2010.

PEREIRA, APARECIDA VELOSO. Propriedade em Áreas de Risco: Uma Análise Jurídica e Social. Dissertação de Mestrado. UFF, Rio de Janeiro, 2012.

VALENCIO, NORMA ET AL. A produção social do desastre: dimensões territoriais e político-institucionais da vulnerabilidade nas cidades brasileiras frente às chuvas. Revista Teoria & Pesquisa, São Carlos. 2004

VALENCIO, NORMA; SIENA, MARIANA; MARCHEZINI, VICTOR. Abandonados nos desastres: Uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados / Norma Valencio, - Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

<http://meumundosustentavel.com/noticias/lixao-aterro-controlado-e-aterro-sanitario/> - acessado em 10/02/2013

<http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/JORNAL/EMDISCUSSAO/revista-em-discussao-edicao-junho-2010/noticias/morro-do-bumba-triste-simbolo-do-problema-do-lixo.aspx> acessado em 10/02/2013

www.geodemo.uff.br - acessado em 10/02/2013

<http://www.ambiencia.org/site/publicacoes/publicacoes/dia-mundial-do-meio-ambiente/entenda-o-que-aconteceu-no-morro-do-bumba/> - acessado em 12/02/2013

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/04/100409_fabriciasegunda.shtml – acessado em 03/07/2013

[HTTP://depoisdachuvauff.blogspot.com.br/2010/06/bumba-35-anos.html](http://depoisdachuvauff.blogspot.com.br/2010/06/bumba-35-anos.html) - acessado em 03/07/2013